

Corfebol

Multidisciplinaridade como aliada



Pouco conhecido, o Corfebol estimula a quebra de paradigmas do esporte competitivo e vira ferramenta nas aulas de Matemática.

Da junção do Handebol com o Basquete nasceu o Corfebol, criado pelo Professor de Educação Física Nico Broekhuvesen, em 1902. Sendo um dos raros esportes coletivos mistos, o Corfebol é o quarto mais popular na Holanda, onde surgiu. Atualmente é praticado em mais de 40 países e tem como grandes potências a própria Holanda, além de Bélgica, Portugal, Alemanha, República Tcheca, China e Austrália.

Já nas Olimpíadas de 1920 e 1928, o Corfebol foi apresentado como demonstração. Nos dias de hoje, além de conseguir atrair novos adeptos a cada dia, este esporte tem uma função muito importante nas escolas onde é praticado, desenvolvendo o gosto pela estratégia, cooperação e a integração de todos os participantes.

Aprendendo o jogo

No Corfebol vence a equipe que marcar mais pontos, colocando a bola na cesta, como no Basquete. Cada equipe tem quatro homens e quatro mulheres, divididos em casais. A bola também é de outro esporte: o futebol, modelo número 5.

A dinâmica do jogo exige que cada homem só marque outro homem e cada mulher, outra mulher. No Corfebol não é permitida a marcação dois contra um, nem a marcação entre sexos opostos. Também não vale contato físico.

Para que todos exerçam os diversos papéis necessários para o jogo, a cada duas cestas, defensores viram atacantes e vice-versa. Segundo o Profissional Guilherme Borges Pacheco (CREF 002571-G/RJ), coordenador de Educação Física da Universidade Gama Filho, “esta troca de funções dá ao praticante maior experiência tática e motora”.

O Corfebol tem outra especificidade: quem recebe a bola deve parar e passá-la para o colega do time. Ninguém pode quicar a bola, driblar o adversário ou correr com a bola na mão. “Isso impede que um jogador ‘fominha’ tente resolver o jogo sozinho”, diz o Prof. Marcelo Soares (CREF 004076-G/RJ).

Ele conta que há algum tempo estava com dificuldades para integrar as crianças de uma comunidade carente do Rio de Janeiro e resolveu apresentar o novo esporte ao grupo. “O aluno tem que aprender a se deslocar sem a bola, aproveitando melhor o espaço”, explica o Prof. Soares. Também não pode haver tentativa de marcar ponto quando o adversário está com os braços erguidos entre o jogador e a cesta, impedindo o arremesso. A partida dura uma hora e tem 10 minutos de intervalo.

“O Corfebol é uma oportunidade para quem foi excluído do vôlei ou do basquete, já que a força e tamanho não são essenciais”, diz o Prof. Soares. A iniciativa deu tão certo que hoje o Corfebol faz parte do





currículo dos alunos do Ensino Fundamental em cerca de dez escolas do bairro do Méier (Rio de Janeiro), onde Soares atua. O esporte já vem sendo praticado também em regiões de São Paulo e Minas Gerais com muito sucesso.

Como nenhum jogador pode tocar no adversário para roubar a bola, o esporte cria uma relação de interdependência e respeito entre os colegas do mesmo time no caminho até a cesta. Além de juntas traçarem uma estratégia, as crianças conversam entre si para marcar os pontos. “É um estímulo ao raciocínio”, diz Soares.

Abrindo espaços e ampliando horizontes profissionais

A prática do Corfebol conquistou também um lugar cativo em salas de aula. É o que acontece no Centro Educacional Lins (Rio de Janeiro), onde as crianças de 1ª a 4ª série aprendem Matemática com as regras deste esporte. Ao perceber a dificuldade de alguns alunos para entender conceitos matemáticos, como números pares e ímpares, tabuada e ordens crescente e decrescente, o Profissional adaptou tópicos da disciplina às regras do jogo. Na partida, quando fazem uma cesta, por exemplo, os alunos dizem em voz alta se o número da pontuação é par ou ímpar. “Isso facilita a absorção de assuntos que precisam de memorização”, afirma a professora de Matemática da escola, Andréa lavecchia Villardo.



Integração, inclusão e maior participação dos alunos

O Corfebol também se destaca por estar ao alcance de todos. Obesos, deficientes físicos ou pessoas com pouca coordenação motora podem participar ativamente, uma vez que os deslocamentos não exigem grande velocidade e não há disputa de força. “O índice de atestados médicos solicitando a exclusão de alunos nas aulas de Educação Física diminuiu, porque as crianças com dificuldades se sentem incluídas na equipe”, diz Soares. Além disso, o equipamento – composto basicamente por duas cestas e uma bola – é simples e se adapta a qualquer espaço. “Quando chove, a gente dá aula dentro da sala e pode usar um balde sem fundo e uma bolinha de jornal ou de meia”, explica.

Como é sabido, para um esporte tornar-se olímpico, o Comitê Olímpico Internacional (COI) exige que ele seja praticado em pelo menos 50 países. Se depender de pessoas como o Profissional Marcelo Soares, esta meta será logo alcançada.



Prof. Marcelo Soares em sua jornada política em prol do Corfebol

PROJETO CORFEBOL BRASIL
www.ikf.org

Na qualidade de Representante e divulgador do desporto Corfebol no Brasil (www.ikf.org), eu, professor Marcelo Soares, convido a todos os alunos do curso de Educação Física a participar da palestra sobre o esporte Corfebol, iremos abordar alguns temas interessantes, explicar regras básicas e possíveis adaptações para o âmbito escolar, onde o Corfebol se torna uma excelente ferramenta de trabalho.

No país em que vivemos, torna-se cada vez mais difícil o conhecimento de outros esportes, que não sejam os habituais (futebol, vôlei, basquete, handebol e até mesmo o "queimado"), o que interfere no trabalho de divulgação dos esportes desconhecidos, como no caso do Corfebol, de origem holandesa, reconhecido em 55 Comitê Olímpico Internacional, praticado para que Consequimos, ao longo desse trabalho, ser reconhecido como Jomal Nacional.

Prof. Marcelo Soares
Representante do Corfebol no Brasil

A Busca por um Jogo Inclusivo

No início do século XX, quando o Coferbol foi criado, a Associação de Educação Física de Amsterdã procurava um jogo que pudesse ser praticado por crianças, jovens e adultos, e que reunisse os dois sexos na mesma equipe. Nesta época não era comum mulher praticar esporte, muito menos com homem. Por isso Nico Broekhuyesen pensou numa prática fácil de ser aprendida. Em holandês, *korf* quer dizer cesta e *ball*, bola. Em 1933 foi criada a Federação Internacional de Corfebol (IKF), com sede na Holanda. Reconhecido pelo COI há 13 anos, o Corfebol é praticado por cerca de 200 mil pessoas em mais de 40 países, como Índia, Japão, Rússia e Zimbábue. No Brasil já existem sete times

formados, todos no Rio de Janeiro. A Copa do Mundo do Corfebol está programada para acontecer na República Tcheca, ainda este ano. A revista *Korfbal International*, da IKF, destacou o prof. Soares como o difusor do esporte no Brasil, onde iniciou há sete anos um projeto de inserção da prática nas aulas de Educação Física das escolas. 



Saiba mais:

Federação Brasileira de Corfebol (KFB)

www.sitedomeier.com/corfebolbrasil

International Korfbal Federation (IKF)

www.ikf.org.br

Korfbal International

www.sitedomeier.com/corfebolbrasil/bra.htm

Corfebol Brasil

www.corfebol.hpg.ig.com.br

Fontes:

Revista Nova Escola – Matéria de Débora Didonê
– Fevereiro de 2006

Revista Mundo Estranho – Setembro de 2005

Diário LANCE! – Agosto de 2005

Matérias diversas dos Jornais O Globo,
Jornal do Brasil e Diário da Tarde



DEPOIMENTO

“No Brasil, as primeiras manifestações de atividades físicas entre funcionários foram registradas em 1901, mas a Ginástica Laboral, teve sua proposta inicial publicada em 1973, onde também algumas empresas começaram a investir em opções de lazer e esporte para seus funcionários. Após a implementação da Ginástica Laboral em inúmeras empresas, foi constatada uma considerável diminuição de lesões e distúrbios osteomioarticulares. Podemos afirmar que o melhor recurso para a diminuição das lesões e traumas ocorridos no trabalho é a prevenção. Logo, a Ginástica Laboral é o melhor método de prevenção e melhoria da qualidade de vida do trabalhador. É com esta prerrogativa, dentro de um trabalho multidisciplinar voltado para uma política de prevenção de acidentes no trabalho, baseado também na for-

mação curricular, podemos afirmar que o Profissional de Educação Física é o único da área de saúde capaz e habilitado a prescrever e conduzir o método da Ginástica Laboral. Na minha formação e experiência, pude verificar e avaliar as diferenças técnico-metodológicas, bem como didático-pedagógicas na aplicação da Ginástica Laboral. Observei a importância única e exclusiva do Profissional de Educação Física na utilização deste método. Por isso reitero que, apesar da diversidade de recursos e especialidades voltadas para um enfoque multidisciplinar dentro de uma política de prevenção de acidentes de trabalho, a aplicação da Ginástica Laboral é pertinente e exclusiva do Profissional de Educação Física”.

Eduardo Amorim (CREF 002463-G/RJ) – Profissional de Educação Física e Fisioterapeuta.